



O CORPO UTILITÁRIO: Da revolução industrial à revolução da informação

Maria Cecília Donaldson Ugarte

ceci.du@terra.com.br

Resumo

A Revolução Industrial marca transformações brutais tanto na cultura como na organização social e na ciência, cujos efeitos ressoam como paradigma até os dias de hoje. Corpos des-territorializados, adaptados aos meios de produção e explorados para benefício de uma minoria fazem parte dessa história. O Homo-Motor. Uma nova revolução em curso projeta um corpo des-enraizado de si, voltado para o exterior e massificado, pronto para consumir. Ciborgues. Este trabalho pretende uma reflexão sobre a história do corpo.

Palavras Chave: Revolução Industrial, Revolução da Informação, o corpo e o corpo social.

I - Introdução

Esta discussão é fruto do trabalho de pesquisa literária, análise e reflexão que realizamos por dois anos e meio, buscando compreender as imbricações sociais e históricas entre o trabalho e o corpo, para a dissertação de mestrado. (Unicamp/FEF,dez.2004). Compreender as grandes transformações advindas da Revolução Industrial e o processo pelo qual chegamos à era da alta tecnologia que provoca outra grande Revolução, a do conhecimento e da informação, que apenas inicia uma série de abruptas transformações no corpo social e na corporalidade.

Norbert Elias faz referência ao processo cego de desenrolar dos acontecimentos, já que dependente das figurações e entrelaçamentos entre indivíduos e sociedade, níveis de balança de poder e da balança Eu/Nós: *os indivíduos são necessariamente a conjunção indissociável de um contexto histórico, de uma configuração exterior e de uma interioridade*. Fala também, no processo de aumento do nível de síntese e de consciência, que acredito, deveria nos levar à co-criação. Perscrutando a história e o não-dito nos discursos, talvez possamos buscar um maior equilíbrio nas relações de poder, usando de redes entrelaçadas num esforço consciente de re-equilíbrio da balança ‘eco-bio-psico-social’; o que está se tornando urgente.

A sociologia de Elias é baseada em uma pluralidade de conhecimentos que nos permite sair do reducionismo, buscar novas interpretações e quem sabe, através delas, novas alternativas, tecendo redes de conhecimentos que tragam novas respostas, que equilibrem melhor a balança entre Eu/Nós, incluindo nesse Nós, o meio ambiente sem o qual não sobreviveríamos e uma maior igualdade de condições para a maioria. Como ele mesmo diz, *consiste em substituir, não mais o geocentrismo, mas sim o egocentrismo*

ingênuo, por uma visão global das inter-relações. É nesse sentido que buscamos conhecer a história do corpo.

II. Urdir e Tecer

Corpos, ferramentas e o tempo natural trabalharam integrados por séculos. Como exemplo, citamos a arte de tecer, uma das mais antigas atividades humanas. Um processo complexo, que envolvia muitos fios, dispostos na urdidura, que combinados e entrelaçados transformavam-se em tecidos; os pés guiando o tear e as mãos selecionando os fios e carretéis.

Corpos, teares e um ritmo natural comandado pelo corpo, trabalhavam sincronizados, e neste labor estavam presentes as sensações, a imaginação e as emoções. A criatividade idealizava os desenhos que eram guardados em cartões perfurados para serem repetidos (o mesmo princípio do ‘software’) e em meio ao trabalho era possível conversar, rir, parar e re-começar. Os homens quando não estavam trabalhando na agricultura, que dependia das estações do ano, participavam do tecer junto com o resto da família e da comunidade. Teares e artesãos alimentavam o comércio local por todo o interior da Grã-Bretanha, assim como por toda a Europa.

Pois foi justamente através desse artesanato doméstico, que se iniciou a transformação dos processos produtivos, na Inglaterra do séc. XVIII: *O capitalismo na Inglaterra começou no lar, com o trabalho do pai, da mãe, do filho e da filha, a favor do empreendedor. Nessas circunstâncias ‘o sistema capitalista doméstico’ tomou um impulso que prevaleceria até fins do séc. XVIII. Quase todas as casas tornaram-se fábricas em miniatura ... Os hábeis empreendedores detinham o capital, compravam matéria prima e as distribuíam às famílias, depois compravam os produtos por preços ínfimos e vendiam o mais alto possível.* (DURANT, 19810).

Vale lembrar as palavras de Hannah Arendt (2003), o homem que trabalhava (*homo laborens*), que estava em inter-relação com os outros, com os objetos e com a natureza, vai aos poucos transformando-se no homem que fabricava (*homo faber*), que age sobre os outros, sobre os objetos e sobre a natureza.

Segundo o historiador E. Hobsbawn (2003), a Inglaterra chamaria a atenção, em 1750, de qualquer visitante que viajasse pelo seu interior pelas verdes paisagens, a limpeza e a aparente prosperidade no campo e, até mesmo, pelo conforto do campesinato. Não se poderia prever, sem a visão retrospectiva, apesar do desenvolvimento flagrante, a iminente Revolução Industrial cuja explosão aconteceu em 1780.

III. Resultados Humanos da Revolução Industrial

A industrialização capitalista, que se inicia nesse final de século, caracteriza-se por uma explosão da economia capitalista que se dispersa pelo mundo de maneira inconfundível a partir de 1830. Segundo Hobsbawn (2004), temos que voltar e refletir sobre a história, **para compreender por que o mundo veio a ser o que é hoje, e para onde se dirige.** A Revolução Industrial foi um choque e a transformação mais radical da

vida humana já registrada em documentos escritos, com resultados foram irreversíveis, até agora. O discurso se transforma, novas palavras são cunhadas : *fábrica, indústria, classe trabalhadora, classe média (ou burguesia), 'pauperismo', 'capitalismo', 'socialismo' e raça* são algumas delas.

O desenvolvimento de uma classe de empresários que dedica-se a produzir lucros e uma ideologia baseada no 'progresso individualista', secularista e racionalista geram um alicerce tecnológico científico que permeia toda a implantação dos novos meios de produção, inclusive, **corpos construídos para o trabalho**. Quando se acelerou o processo de industrialização, as famílias foram retiradas de seu território e levadas para trabalhar em fábricas, morando em cantos fétidos que marcaram o início do meio urbano. A jornada de trabalho chegava a 14 horas. "Desterritorializada, a pessoa, antes vista por inteiro – mente, corpo e espírito –, perde o seu centro e fica nas mãos manipuladoras do poder. Os indígenas das Américas não se deixavam escravizar por estarem em seu território, espaço que dominavam e lhes permitiam raízes. A propósito, as populações das Américas eram descritas na época, por etnólogos, como indolentes e incapazes de qualquer esforço vigoroso. Para o geógrafo alemão, F. Ratzel, *o que os homens naturais evitavam era o trabalho regular e tenso*. (Rabinbach, 1992).

Elias (1998), explica que nas sociedades mais simples, o código social não inclui grandes problemas com o tempo, mas à medida que aumenta a complexidade e a divisão de funções com a chegada da industrialização, concomitante ao aumento da necessidade de auto-disciplina e do auto-controle, há necessidade de um controle do tempo, o relógio.

Podemos dizer, que a visão da energética e do materialismo que permeavam os finais do séc. XVIII e o séc. XIX e a construção de corpos 'docilizados' e utilitários para o trabalho, caracterizam uma época que teve como consequência uma epidemia de fadiga e neurastenia que demonstram o desânimo reinante diante da mudança brutal na organização social e nas relações com o tempo, objetos e natureza: o início da aceleração do 'tempo' ou melhor, da mudança do ritmo natural dos corpos, que antes entremeavam trabalho e lazer; a troca das ferramentas conduzidas pelo homem por máquinas que ditavam tempo e ritmo impostos ao corpo; da desterritorialização dos grupos transformados em operários em um novo mundo 'urbano', longe de suas terras e de sua comunidade vivendo em condições precárias; das medicalizações e dos esquadrinhamentos dos corpos.

Os resultados humanos da Revolução Industrial foram catastróficos, com a desterritorialização dos camponeses e aldeões e o surgimento do proletariado. A burguesia preocupada com a produtividade, com o progresso e com a acumulação, se encanta com a aceleração do desenvolvimento econômico, enquanto os corpos responsáveis pelo trabalho duro dessa industrialização passam pelo mais indigno processo. Anson Rabinbach (1992) descreve bem esse modelo energético de corpos utilitários baseado na 'nova ciência', que disciplina os corpos para o trabalho. O autor utiliza-se da metáfora do *Homo Motor*, para a força do trabalho da época, que tinha seus corpos tratados como se fossem reservatórios de energia, como o das máquinas, capazes de ser domados e disciplinados, visando alto rendimento: o corpo como uma máquina produtiva. Corpos, máquinas e natureza eram movimentos passíveis de ser medidos dentro das leis da dinâmica, e por isso dominados, submetendo-se a sistemas organizacionais cientificamente desenhados.

Rabinbach considera que a modernidade industrial européia via-se sempre ameaçada pela subversão do fantasma da preguiça. O labor era pregado como um remédio contra os apetites dos sentidos e como um amigo da alma. Daí, a necessidade de 'docilizar'

os corpos, para que esquecessem seu estilo de vida arraigado desde os antepassados, e se transformassem em uma força de trabalho produtiva e disciplinada. A formatação do corpo como um invólucro de conservação de energia e de conversão e propulsão, a metáfora do Homo-Motor, reafirmava o liberalismo. A ligação entre as novas ciências – fisiologia, educação física, ergonomia – ou melhor, a fragmentação das disciplinas com a perscruta do corpo num esquadrinamento vai embasar as mudanças até a chegada do *taylorismo* e do *fordismo*, formas econômicas de divisão do trabalho. Achavam que o corpo era uma máquina capaz de trabalhar sem parar, bastando-lhe um pouco de comida e de descanso. Ignorava-se a segunda lei da termodinâmica, a lei da entropia, que diz que a energia tende ao esgotamento. A fadiga e a neurastenia tornaram-se uma verdadeira epidemia, principalmente na França e Alemanha, onde a resistência às inovações foi ainda maior.

Ao final do século XIX, os discursos da resistência ao trabalho pela indolência e preguiça decaem. Os novos processos de produção requerem mais que disciplinas impostas e inspeção constantes, requerem operários com a imagem de um corpo dirigido por seus próprios mecanismos internos, um verdadeiro **homem-máquina**. Novos especialistas são formados diante dos desdobramentos da nova ciência e do pragmatismo e cada vez mais se realçam textos moralistas de exaltação ao trabalho. O foco era o corpo como mão de obra e sua profilaxia. O corpo como um *commodity*.

As relações humanas são trocadas por relações quantificadas, subvertendo a ética, valores e normas tidos até então como universais. Um modelo ‘racional’ e mecanicista, calcado em verdades científicas saídas dos laboratórios. De uma cultura sagrada ou cósmica, a Europa passa para uma cultura profana, desligada do cosmo. As imagens esquadrihadas são fragmentadas com a desintegração da ordem existente e desliga-se do todo, em uma crise do real.

Com a transferência de aldeões, pessoas do campo, das províncias, do trabalho familiar doméstico e de um estilo de vida próprio para os centros urbanos como mão de obra barata, esses são transformados em ‘outsiders’, recém chegados, considerados ‘de fora’ e sujeitados às leis e normas dos ‘estabelecidos’ com mais facilidade. Trata-se de um desequilíbrio na balança de poder. Passam a ser tachados de baderneiros, preguiçosos e também *como não sendo particularmente limpos*. Creio que utilizando a teoria de Norbert Elias (2000), podemos configurar os camponeses obrigados a deixar seu modo de vida e suas terras, como ‘outsiders’, diante dos já estabelecidos nos novos centros urbanos, já que de pequenos proprietários que pertenciam à uma comunidade, passam forçosamente a um novo tipo de trabalho e moradia, empilhados em torno das fábricas.

Segundo Elias, o sentimento difundido de que o contato com membros dos grupos ‘outsiders’ contamina *observado nos grupos estabelecidos refere-se à contaminação pela anomia e pela sujeira, misturadas numa coisa só*. O autor cita Shakespeare que falou de ‘*um artesão magricela e pouco limpo (em ‘Vida e morte do rei João. Ato IV, cena II)*. E segue o autor contando que de 1830 em diante, a expressão ‘*os grandes mal lavados*’ (‘the great unwashed’) tornou-se corrente como denominação das ‘camadas inferiores’ da Inglaterra, em processo de industrialização. Cita também, o Oxford English Dictionary que alguém tinha escrito em 1868: **“Toda vez que falo das classes trabalhadoras, faço-o no sentido de ‘os grandes mal lavados’.**

Explica Elias, que nos desequilíbrios muito grandes da balança de poder e de uma correspondente opressão, que foi o caso da época em questão, os grupos ‘outsiders’, os ‘de fora’ são comumente tidos como sujos e quase inumanos (**não podemos deixar de**

lembrar dos imigrantes em busca de trabalho dos dias de hoje, africanos, latino americanos ...). Para o autor, a massa da população era tida como forasteira, como “Eles”, e os detentores do poder e já estabelecidos nas cidades industriais como pertencentes ao Estado, como “Nós”.

III. A continuidade do ‘processo cego’

Ao final do século XIX e início do século XX, algumas parcelas da população – primeiro os camponeses e depois o proletariado industrial – eram excluídas da ‘identidade nós’ dos cidadãos, pelas classes dominantes, a burguesia e a nobreza. E esses excluídos continuavam a perceber o Estado como algo que se dizia “Eles” e dificilmente “Nós”. (Elias, 1994). O problema do excesso de poder de um dos lados passa então a ser quase um estigma para os ‘de fora’, que tomam como verdade a imagem de inferiores, desqualificados, portanto com baixa auto-estima, o que praticamente elimina a possibilidade de mudança de posição. O historiador da época, Tocqueville (1989) parece confirmar isso, ao afirmar que ao início de um processo de diminuição da opressão, surgem as revoluções, ou melhor, quando o destino dos sub-privilegiados já começou a melhorar e o grupo se fortalece.

Podemos dizer que essa crise do real atravessou o século XX: com as divisões, fragmentações e especializações, muitas vezes perde-se a noção do todo, um reducionismo na teoria e na prática. As certezas do século XIX passam a ser questionadas, mas as bases mecanicistas de seu contexto com certeza estão entrelaçadas, tecidas até hoje e ressoam na dita sociedade pós-moderna. Há que parar. Refletir sobre o real, nossa condição de incertezas dentro dos acelerados processos de avanços tecnológicos imediatistas e do maniqueísmo reinante. **Perscrutar a história, o que foi dito e o que está submetido e não-dito, é uma maneira de buscar novas respostas.**

IV. A ‘pós modernidade’ e os efeitos humanos

E assim, chegamos no século XXI, a época da ‘big science’, da tecnociência, que desenvolveu segundo Morin (2001), **‘poderes titânicos’**. As pesquisas determinam as relações de poder, hoje na mão de empresas globalizadas que submetem o Estado, que por sua vez controla as universidades e portanto, as pesquisas. A aceleração das transformações da sociedade contemporânea a partir dos últimos cinquenta anos está de tal ordem, **que podemos falar em mais uma Revolução, desta vez, da informação ou do conhecimento**. Essas transformações atingem de maneira brutal o mundo do trabalho e do corpo: alta competitividade, desaparecimento de várias funções e de papéis, com a alta tecnologia. Alto nível de desemprego com tendências crescentes em todo o mundo, dado que a criação de empregos não supre a entrada de novos trabalhadores no mercado.

Como atesta o grande sociólogo Francisco Oliveira (2003), *avassalada pela Terceira Revolução Industrial, ou molecular digital, em combinação com o movimento de mundialização do capital, a produtividade do trabalho dá um salto mortal em direção à plenitude do trabalho abstrato*. Os salários passam a ser atrelados à produtividade e não mais às horas de trabalho, dando margem à terceirização informal, que tira dos

trabalhadores o poder de lutar por seus direitos, já que há que sobreviver, e portanto, sujeitar-se.

Os trabalhadores têm perdido os direitos conquistados a duras penas, diante do desequilíbrio de forças, e estatísticas comprovam o aumento acelerado da economia informal e do desemprego e o dismantelamento da política do ‘bem estar social’. A alta tecnologia provoca um processo de des-sociabilização que podemos comprovar percebendo o crescente individualismo, num ‘salve-se quem puder’, a solidão gerada pelas grandes metrópoles, o aumento da violência e os altos índices de estresse e depressão nas populações urbanas. Não existe mais tempo livre: trabalho e tempo livre fazem parte da produtividade, já que a maioria das pessoas gastam seu salário em seu tempo livre; consomem. O desnível da balança de poder aumenta.

Para Ricardo Antunes (2002) as consequências do aumento da competitividade e da concorrência capitalista, são nefastas, duas das quais virulentas e graves: 1) a destruição e a precarização, sem paralelos em toda era moderna da força humana que trabalha; 2) a degradação crescente, que destrói o meio ambiente, na ‘relação metabólica entre homem e natureza, conduzida pela lógica societal voltada prioritariamente para a produção de mercadorias para o processo de valorização do capital.

No século XIX percebemos a des-territorialização dos corpos como um instrumento de poder sobre eles. Nos dias de hoje, aliado às des-territorializações temos, através do mal entendido do virtual e de uma busca esquisita do transcendental (como se não vivêssemos na materialidade e pudéssemos prescindir do corpo), o **desenraizamento dos corpos, facilitado pela massificação da mídia**. Há um apagamento de quem somos, da contemplação, da reflexão e da interiorização. Não podemos parar e somos balizados pelo externo. O “Eu”, num salve-se quem puder, apaga o “Nós” e as relações de poder tendem para “Eles”.

Elias (2003), sabiamente, refere-se ao corpo como **organismo**, digo eu, um sistema vivo; para ele, a base para identidade-eu *não é possibilitada apenas pela memória e pelo auto-conhecimento que o indivíduo traz gravado no cérebro; sua base é o organismo inteiro, do qual o cérebro faz parte – embora parte bem central*. Atualmente, muitos cientistas comprovam que essa memória faz parte de todo o organismo, sendo possível detectar centros de comando neuronais em órgãos da digestão, como já descrevia-se na milenar medicina hindu e chinesa. (Ver Schreiber, 2003). Segue Elias, dizendo que a identidade-eu depende das pessoas estarem cientes de si como organismos ou, *como unidades biológicas altamente organizadas*. Ou seja, um ser complexo, consciente de si. Continua o autor, *graças a uma peculiaridade de sua organização corporal, as pessoas têm condição de se distanciarem de si enquanto organização física ao se observarem e pensarem a seu próprio respeito*.

Portanto, podem se auto-observar, outra qualidade que as filosofias orientais incitam-nos a desenvolver: o eu-observador. Somos capazes de aquietando-nos, observar e selecionar pensamentos, ou até mesmo, em alto nível de concentração, deixar de focar neles e buscar o ponto da criatividade: o intervalo entre os pensamentos. Tudo isso, enraizados no organismo.

Diz Elias, que por nossas peculiaridades, podemos nos perceber como *imagens espaço-temporais entre outras imagens similares*, como pessoas corporalmente existentes em meio a outras pessoas semelhantes, diferenciando através de símbolos as diferentes posições: ‘eu’, ‘você’, ‘ele’ ou ‘eles’. Muitas vezes a própria pessoa, com seus

conhecimentos e seus símbolos linguísticos, têm dividida quanto à sua própria auto-imagem, falando de si como objeto de observação: ‘meu corpo’, ‘minha alma’, ‘minha pessoa’, ou ‘minha mente’. Nem sempre com a clareza de que esses conceitos *representam duas perspectivas diferentes da própria pessoa, como se fossem dois objetos diferentes, não raro existindo separadamente.*

O capitalismo globalizado e seus meios de circulação, até agora, foram eficazes em gerenciar corpos nos seus mecanismos de ganha e gasta, para ganhar mais e consumir mais, ou para simplesmente desejar. O sistema debate-se com sua voracidade, como se estivesse ciente de seus erros e de suas ilusões, mas, não quer perder. Reconhecer isso, significa refletir e transformar-se diante das urgências ou então, chegar à saturação, gerando hordas de miseráveis em um planeta em extinção. Perceber a necessidade de equilíbrio na balança e não alternância de poder sobre o mesmo enfoque.

A Revolução Tecnocrata é silenciosa, invisível aos não especialistas. À disciplina e ‘docilização dos corpos’ une-se à **gestão da vida**. Tudo isso afeta as pessoas comuns, seu trabalho e seu tempo livre, afeta o planeta, seu ambiente e as espécies, mas, a população não tem acesso a essas informações. Renunciamos a habitar o corpo e as coisas, ao nosso poder de decisão, a medida que não refletimos sobre as possibilidades de transformação e que deixamos de nos interessar, talvez pela apatia diante de tamanha empreitada, **num fluxo sem fim de informação consumo e descarte.**

Ainda sob a ilusão do progresso (que se inicia no século XVIII), somos des-territorializados e desenraizados, perdendo o nosso centro em favor do exterior. Estamos nos deixando transformar em Ciborgues, como diz Donna Haraway (2000), um corpo que representa a quintessência da tecnologia, meio humano, meio máquina. Haraway concentra-se em pesquisar as redes bio-tecnológicas e faz uma análise crítica da forma pela qual **a biotecnologia está construindo nossos corpos e passa a ter direitos sobre a vida, quem deve nascer, viver, morrer ou, replicar-se.**

Diante desse quadro devastador, temos que tomar posse de nossa subjetividade, de quem somos, de nossas raízes e atualizar nossos valores, reconquistando a autonomia criativa que gera outros campos de criatividade para sair da massificação dominante. Assumir nossas singularidades e ao mesmo tempo a solidariedade e a cooperação. Ativar a VOZ e multiplicá-la entre as multidões. Já que estamos ciborgues, sejamos **ciborgues opositoristas**, que refletem, buscam seu centro e ampliam perspectivas novas além da competição. Atualizar a cena, montar grupos de resistência através do entrelaçamento de conhecimentos compartilhados, aproveitando-se das redes, fazendo circular e dar visibilidade a novas formas de se organizar e de mobilizar toda a sociedade para participar do corpo político social. A história da humanidade é a história do corpo; retomemos nossos corpos como pessoas, seres cósmicos que resistem à manipulação e degradação.

Diante das imbricações das funções e relações humanas, pouco importa a que área nos reportamos para uma atividade acadêmica. Se partirmos do corpo chegamos ao social. Se da alma, ao corpo e ao social, ao ambiente. Tudo se entrelaça. É dentro desse tear que vamos ser flexíveis para a adaptabilidade e a criatividade.

Norbert Elias

THE UTILITARIAN BODY' FROM INDUSTRIAL REVOLUTION TO THE TECNOLOGICAL REVOLUTION

Abstract

The Industrial Revolution brought brutal transformations in culture, in social organization and in science, which effects resound as a paradigm til nowadays. De-territorialized bodies, adapted to the production ways and explored in benefit of a minority are part of this history. The Homo-Motor. A new revolution is in course, drawing unrooted bodies, turned to the outside world and ready to consume. Cyborgues. In this paper we wish to reflect about the body history.

Keywords: Industrial Revolution, Information Revolution, the body and the social body.

Bibliografia

ARENDT, H. A condição humana. 10. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2003

DURANT, W. Começa a idade da razão. Rio de Janeiro: Record, 1961.

ELIAS, N. A sociedade dos Indivíduos. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1994.

_____ Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro: Zahar Ed.,2000.

GUATTARI, F. As três ecologias, 12.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

_____ Regimes, pathways, subjects. In: Incorporations, Crary & Kwinter (org); New York: Urzone, 1992.

HOBBSAWN, E. J. A era das revoluções – 1789-1848. São Paulo: Ed.Paz e Terra, 2004.

_____ Da revolução industrial inglesa ao imperialismo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

KUNZRU H.; HARAWAY D. Antropologia do ciborgue – As vertigens do pós-humano. Tradução e organização: Tomaz Tadeu da Silva, Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MORIN E. Ciência com consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____ Os sete saberes necessários à educação do futuro. 4.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF:UNESCO,2001.

OLIVEIRA F. DE Crítica à razão dualista – O ornitorrinco. São Paulo: Boitempo Ed., 2003.

RABINBACH, A. The human motor. Berkeley-Los Angeles: University of California Press, 1992.

SERVAN-SCHREIBER D. Curar, o stress, a ansiedade e a depressão sem medicamento nem psicanálise. São Paulo: Sá Ed., 2004.